

SEXTA CATEQUESE
A CULTURA DA ESPERANÇA

“SUA MÃE GUARDAVA TODAS ESTAS COISAS NO CORAÇÃO” (LC 2,51)

Jesus, Maria e José,
Em vós, contemplamos
o esplendor do verdadeiro amor,
a Vós, com confiança, nos dirigimos.
Sagrada Família de Nazaré,
tornai também as nossas famílias
lugares de comunhão
e cenáculos de oração,
escolas autênticas do Evangelho
e pequenas Igrejas domésticas.

Sagrada Família de Nazaré,
que nunca mais se faça,
nas famílias,
experiência de violência,
egoísmo e divisão:
quem ficou ferido ou escandalizado
depressa conheça consolação e cura.

Sagrada Família de Nazaré,
o próximo Sínodo dos Bispos
possa despertar, em todos,
a consciência
do carácter sagrado
e inviolável da família,
a sua beleza no projecto de Deus.

Jesus, Maria e José,
escutai, atendei a nossa súplica. Amém.

(Papa Francisco, Oração pelo Sínodo sobre a família, 25 de março de 2015)

Muitas vezes, diante de acontecimentos humanos repentinos, inesperados e surpreendentes, nos quais não podemos perceber nenhum sentido lógico, e de que não podemos tirar qualquer benefício, a reação do coração é a de repulsa, de rebelião para chegar às vezes a exasperação, afundando-se na fúria mais total. Para nenhuma pessoa sobre a Terra a vida tenha lugar de acordo com os planos e programas desejados. O viver torna-se uma luta eterna, muitas vezes feita de compromissos e equilibrismo, e onde se rangendo procuram conquistar o que parece ser devido. A palavra “esperar”

na linguagem corrente, torna-se assim uma ambição de chegar com tudo de si, o quanto o coração deseja, esperando ter sucesso. Então, a questão não pode deixar de se levantar: mas é possível que esperar signifique entrar neste vórtice de incerteza e ao mesmo tempo de luta contínua por um ideal que todos os dias devem ser reafirmados e conquistados? Vale a pena viver a própria vida, gastando-se totalmente por algo que sempre parece inatingível? Diante dessa lógica prevalecente que habita e domina a terra, a figura de Maria avança, daquela que, tendo vivido o mesmo e idêntico dinamismo dos acontecimentos humanos, tocando em profundidade, se posiciona de maneira completamente diferente ou melhor dizendo, opostamente. Se olharmos a história de sua vida transmitida pelos relatos evangélicos, vemos que também Maria vive o que nunca poderia ter imaginado. De fato, as suas primeiras palavras que conhecemos são exatamente estas: *“Como é possível?”*. Talvez na crença popular, uma imagem de Maria tenha sido excessivamente afirmada, que de uma maneira dócil e condescendente acolhe automaticamente o desígnio de Deus e os acontecimentos que a vida lhe oferece. Nos esquecemos de que ela também tem um coração humano e que, enquanto criatura, ela não pode deixar de interrogar-se, sobre o significado de seu pessoal curso histórico. Os Evangelhos nunca dizem que Maria tem respostas claras e óbvias a suas perguntas. Apenas uma coisa, no entanto, várias vezes dito sobre ela, é expressa com esta frase: *“Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração”* (Lc 2,51). Em frente a eventos inesperados, inimagináveis e às vezes indesejáveis, ela mostra e ensina a todos a arte de manter tudo o que acontece em seu coração. O que isso significa? Isso significa que o que se vive não deve ser descartado nada, pelo contrário, tudo deve ser totalmente preservado dentro de si, de modo que ao longo do tempo o significado de tudo se torne claro e a grandeza do plano de Deus seja revelada. Certamente, é humano não compreender plenamente as vicissitudes da vida. E é ainda mais humano surpreender-se. Em vez disso, é desumano rejeitá-los e tentar esquecer o quanto a vida nos confronta. Aqui não queremos afirmar uma espécie de fatalismo divino, segundo o qual tudo o que é vivido já está estabelecido e torna-se compreensível na mente limitada do homem no decorrer do tempo. Significaria anular totalmente a liberdade humana. A história de cada pessoa é, em vez disso, a mais grandiosa e extraordinária afirmação da liberdade da criatura humana. De fato, o anjo Gabriel pede a Maria a sua disponibilidade pessoal ao desígnio divino. Ela tem total liberdade para dizer *“sim”* ou *“não”*. O mesmo dinamismo é realizado na história de José. Deus nunca obriga ninguém a fazer algo, nem manipula os acontecimentos humanos do alto. Se tudo, então, é deixado para a liberdade do homem, de que forma Deus entra e interage na sua vida? O Papa Francisco sempre nos convida a buscar luz na Palavra de Deus, que *«não se apresenta como uma sequência de teses abstratas, mas como uma companheira de viagem, mesmo para as famílias que estão em crise ou imersas nalguma tribulação, mostrando-lhes a meta do caminho, quando Deus «enxugar*

todas as lágrimas dos seus olhos, e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21,4)» (AL 22). A Palavra é essencialmente uma companheira de viagem para todos, não exclui ninguém. Não há situação crítica conjugal e familiar em que a Palavra de Deus não possa mostrar a sua proximidade. Mas a questão fundamental é esta: o que Deus revela com a luz de Sua Palavra? O papa Francisco não fala de explicar o significado das vicissitudes humanas, que é o que mais está tentado a encontrar. Ele destaca somente uma coisa que é, ao mesmo tempo, uma certeza repetidamente afirmada em diferentes passagens da Escritura: “*o objetivo da jornada*”. A questão fundamental do nosso tempo é precisamente esta: o homem vive sua vida sabendo e olhando o ponto de chegada de sua peregrinação no mundo? Quando um arqueiro puxa a flecha para atingir o alvo, não é tão importante para ele qual posição iniciar a seta ou o percurso a seguir para atingir seu objetivo. Certamente, esses elementos são parte integrante da arte do tiro com arco, mas não constituem a parte essencial. O que mais importa, no entanto, é atingir o alvo. Hoje, para muitos, isso não funciona assim. Estamos mais inclinados a olhar para o ponto de partida, muitas vezes degenerando em vitimizações fáceis porque nascemos em contextos familiares de origem, nem escolhidos nem apreciados. Além disso, tendemos mais a curar o que estamos construindo na vida em cada passo, mas nunca perguntamos ou realmente nos interessamos em onde se acaba. Raramente se vive olhando o alvo da própria vida. Parece um absurdo, mas é a realidade mais concreta e comum. Somente a Palavra divina é capaz de oferecer uma luz autorizada sobre o objetivo da vida humana, e é a partir deste único e ponto final que todos os eventos da vida adquirem verdadeiro gosto e sabor. Desta forma, esperar significa algo muito maior e mais profundo: não se preocupa em ver o modo como os eventos individuais ocorrem de acordo com os cânones humanos, mas vendo como em cada evento a tensão para o verdadeiro destino final do homem está sempre presente. Qual é então a verdadeira academia da cultura da esperança? Somente a família é o lugar original e primordial onde tudo se torna pão diário, a partir da relação fundamental dos cônjuges. A este respeito, o Papa Francisco oferece aos casais uma sugestão muito concreta: «*Há um ponto em que o amor do casal alcança a máxima libertação e se torna um espaço de sã autonomia: quando cada um descobre que o outro não é seu, mas tem um proprietário muito mais importante, o seu único Senhor. Ninguém pode pretender possuir a intimidade mais pessoal e secreta da pessoa amada, e só Ele pode ocupar o centro da sua vida*» (AL 320). O casamento não é e nunca deve ser a felicidade final de sua existência, mas representa apenas o caminho, certamente fundamental, que leva a essa plenitude de vida: quanta graça, quanta paz e alegria receberiam os casados se vivessem sua relação conjugal de acordo com essa perspectiva bastante concreta. Procurando a alegria da própria vida no cônjuge, é uma mentira e ao mesmo tempo o maior perigo para um matrimônio. A pessoa que se casa não é o tudo na vida, mas é a via mestra para conduzir

aquele Tudo de que sempre foi chamada. Somente ao viver nesta perspectiva, a esperança também é afirmada nas situações em que pode parecer uma palavra inoportuna e insignificante, especialmente quando «*A vida familiar é desafiada pela morte de um ente querido*» (AI 253). Acima de tudo, neste contexto «*Não podemos deixar de oferecer a luz da fé para acompanhar as famílias que sofrem em tais momentos. Abandonar uma família atribulada por uma morte seria uma falta de misericórdia, seria perder uma oportunidade pastoral, e tal atitude pode fechar-nos as portas para qualquer eventual ação evangelizadora*» (AI 253). Que anúncio de esperança é então possível dar nessas situações dramáticas? Certamente, a presença física do familiar «*não é possível; é verdade que a morte é algo de poderoso, mas “forte como a morte é o amor” (Ct 8, 6). O amor possui uma intuição que lhe permite escutar sem sons e ver no invisível. Isto não é imaginar o ente querido como era, mas poder aceitá-lo transformado, como é agora. Jesus ressuscitado, quando a sua amiga Maria Madalena quis abraçá-Lo intensamente, pediu-lhe que não O tocasse (cf. Jo 20, 17) para a levar a um encontro diferente*» (AI 255). A morte não é o xeque mate, a derrota da existência humana, como muitas vezes é percebida pelo mundo de hoje. Se, por um lado, lembra o limite do homem, por outro, ele se projeta além do próprio limite. Na verdade, «*Se aceitarmos a morte, podemos preparar-nos para ela. O caminho é crescer no amor para com aqueles que caminham conosco, até ao dia em que “não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21, 4). Deste modo preparar-nos-emos também para reencontrar os nossos entes queridos que morreram. Assim como Jesus entregou o filho que tinha morrido à sua mãe (cf. Lc 7, 15), de forma semelhante procederá conosco. Não gastemos energias, detendo-nos anos e anos no passado. Quanto melhor vivermos nesta terra, tanto maior felicidade poderemos partilhar com os nossos entes queridos no céu. Quanto mais conseguirmos amadurecer e crescer, tanto mais poderemos levar-lhes coisas belas para o banquete celeste*» (AI 258). Não existe uma dicotomia entre a vida na Terra e a vida após a morte. É tolo pensar em desprezar a vida terrena com a convicção de ganhar a vida após a morte; como também, na tentativa de exorcizar a morte, é absurdo fazer da vida atual uma incerteza do amanhã (esta é a tendência mais comum hoje). Ambos os estilos de vida são a distorção do profundo significado da vida. Pelo contrário, é necessário proclamar fortemente o quanto de mais humano em que vivemos no hoje já é santo e abençoado por Deus e nunca é desprezado; No entanto, não é o tudo da nossa vida, mas é o aperitivo do banquete eterno celestial que a Sagrada Escritura fala frequentemente. Isso significa que este aperitivo de alegria que a vida na terra oferece deve ser vivido de forma integral e profundo, porque será precisamente isso que preparará adequadamente a pessoa para o que é eterno. O olhar da Igreja deve então se manifestar com ternura a todas as famílias feridas pela morte de seus entes queridos. «*Compreendo a angústia de quem perdeu uma pessoa muito amada, um cônjuge com quem se partilhou tantas coisas. O*

*próprio Jesus Se comoveu e chorou no velório dum amigo (cf. Jo 11, 33.35). E como não compreender o lamento de quem perdeu um filho? Com efeito, “é como se o tempo parasse: abre-se um abismo que engole o passado e também o futuro. (...) E às vezes chega-se até a dar a culpa a Deus! Quantas pessoas – compreendo-as – se chateiam com Deus”. “A viuvez é uma experiência particularmente difícil (...). Alguns, quando têm de viver esta experiência, mostram que sabem fazer convergir as suas energias para uma dedicação ainda maior aos filhos e netos, encontrando nesta experiência de amor uma nova missão educativa. (...) Aqueles que já não podem contar com a presença de familiares a quem se dedicar e de quem receber carinho e proximidade, a comunidade cristã deve sustentá-los com particular atenção e disponibilidade, sobretudo se vivem em condições de indigência”» (Al 254). Para todos, a Igreja é chamada a proclamar com força e convicção que a alegria não lhes foi tirada nem roubada, porque «Todos somos chamados a manter viva a tensão para algo que vai além de nós mesmos e nossos limites, e toda família deve viver neste estímulo constante» (Al 325). Não é coincidência que o papa Francisco conclua precisamente a *Amoris laetitia* com estas palavras para significar que «A alegria do amor que se vive nas famílias» (Al 1) (são as primeiras palavras desta mesma exortação) Ele nos chama a promessa de uma grande alegria que jamais será tirada do eterno: «Avancemos, famílias; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida» (Al 325). Esta é a verdadeira esperança cristã de que a Igreja é chamada a tornar-se cultura no mundo de hoje: tudo isso é experimentado, realizado e manifestado sobretudo na família, em todas as relações fundamentais nas quais a experiência básica do amor nos prepara para aquele eterno Amor de Cristo, o Esposo, a quem todos nos reuniremos na comunhão dos santos.*

Em Família

Para Refletir

1. Em nossas famílias, o significado do cumprimento dos desejos de alguém é muitas vezes atribuído à palavra “*esperança*”. Está errado pensar assim à luz da fé cristã?
2. O lugar primordial e originário da esperança é a família. O que significa esta afirmação e o que precisa ser feito para que isso possa concretizar-se?

Prática

1. Não há família que não viva o drama da morte de um ente querido. Como podemos anunciar concretamente o verdadeiro e profundo sentido da esperança cristã em tais contextos familiares?
2. Como um pai que perdeu prematuramente um filho ou uma pessoa que de repente perdeu seu cônjuge, tornar-se um portador da esperança cristã?

Na Igreja

Para Refletir

1. Quando a palavra “*esperança*” é usada, muitas vezes é feito para indicar algo incerto ou improvável de alcançar, para significar um total ceticismo. Claramente, esse não é o verdadeiro sentido de esperança cristã. Por que essa lacuna de significado que muitas vezes predomina nas mentes e nos corações dos cristãos? O que a Igreja é chamada a fazer para anunciar a verdadeira esperança cristã?
2. Hoje, na evangelização da Igreja, raramente fala-se da questão da eternidade, da vida após a morte, até se tornar quase um verdadeiro tabu. Por que isso acontece? O que está faltando? O que deve ser feito?

Prática

1. O grande problema não é apenas falar de esperança, mas viver a esperança. Como uma comunidade cristã nas várias atividades pastorais pode viver a esperança?
2. A presença de uma pessoa no estado de viuvez ou daqueles que perderam prematuramente um filho poderia ser fundamental para o crescimento e a maturidade dos casais que estão fazendo um caminho em preparação a uma vida consagrada no sacramento do matrimônio. Como poderia tudo isso se tornar uma pastoral ordinária em nossas comunidades cristãs?

